

## KA'AGUY HÁ KOGUE: O JEITO KARAÍ E ÑANDEREKO KAIOWÁ

**Instituição:** UEMS Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Naviraí

**Área temática:** Ciências Sociais aplicadas

### NOME DOS AUTORES:

SILVA, Jhelice Franco da<sup>1</sup> ([jhelicefrancosilva@gmail.com](mailto:jhelicefrancosilva@gmail.com))<sup>1</sup>;

CALEIRO, Manuel Munhoz<sup>2</sup> ([manuel.caleiro@uems.br](mailto:manuel.caleiro@uems.br));

**RESUMO:** Todos os dias presenciamos drásticas mudanças climáticas, com períodos desregulados de frio e calor, com temperaturas excessivamente altas e tempestades. Tudo isso provém de desmatamentos e destruições das matas, florestas e queimadas, e o estudo do Ñandereko Kaiowá, neste sentido, busca dar importância e entender o conhecimento milenar e tradicional de um povo que existente a mais de mil e quinhentos anos. Para os indígenas o modo de valorizar e proteger a natureza, cada árvore, nascentes, rios, é muito sagrado, sendo perceptível a diferença cultural que existe entre os dois lados, ou seja, entre os karaí( não indígenas ) e indígenas. Constatamos que para os karaís tudo é muito substituível, tudo é feito de modo sintético em laboratórios e o que eles não conseguem “criar”, aprisionam em zoológicos como a entretenimento. Para os karaí, uma diferença na divisão espacial, que consiste na destinação de áreas para preservação (parques “protegidos”), áreas de moradia (cidade) e áreas para produção (fazendas). Para nós, indígenas, tal divisão não existe, pois a mãe Natureza é única, o que vem dela não pode ser substituível tão facilmente, devemos dar importância e entender que cuidar e preservar significa cuidar do futuro das gerações futura e cuidar do planeta. Concluí-se que para os indígenas não existe nenhuma divisão, tudo é uma coisa só e tem seu valor, devemos proteger enquanto há tempo, se não às consequências serão graves e irreversíveis, não podemos buscar lucrar com a natureza, só o fato de respirarmos oxigênio já nos faz ter que agradecer a natureza por esse privilégio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Natureza. Sagrada. Lucro. Defesa

**AGRADECIMENTOS:** Agradeço e deixo em destaque aqui que o projeto foi desenvolvido e teve continuidade com apoio do CNPq, em parceria com PROPP/UEMS – PIBIC através da concessão de bolsa de Projeto de pesquisa, para essas instituições direciono meus sinceros agradecimentos por apoiar essa pesquisa, e por incentivar esta e outras pesquisas que estão sendo desenvolvidas e por meio dessas pesquisar despertar o interesse pela pesquisa acadêmica. Meus agradecimento também ao orientador, professor e coautor nas pesquisas, o professor Doutor Manuel Munhoz Caleiro, por ter acreditado no meu potencial, mesmo eu sendo indígena.

---

<sup>1</sup> Indígena do povo Kaiowá, Discente do curso de Direito, da Unidade Universitária Naviraí.

<sup>2</sup> Professor adjunto do Curso de Direito, da Unidade Universitária Naviraí, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade, na Linha de Pesquisa Território e Sustentabilidade, da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professor do Programa de Pós-Graduação em Direito Agrário, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Direito Socioambiental e Sustentabilidade pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Líder do Grupo de Pesquisa Conflitos Socioambientais. Contato: [manuel.caleiro@uems.br](mailto:manuel.caleiro@uems.br).